

The image shows a library shelf with several rows of books. The top row features books with gold-tooled spines. Below the books is a dark brown wooden shelf with a gold floral pattern on the left and the number '10' embossed in the center. The background is a green mesh fabric. The title 'A EUROPA DO CONHECIMENTO' is printed in large, white, serif capital letters over the mesh. Below the title, the names of the authors and coordinators are listed in smaller, white, serif capital letters.

# A EUROPA DO CONHECIMENTO

ALICE CUNHA

MARIA FERNANDA ROLLO

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

ISABEL MARIA FREITAS VALENTE

COORD.

**CASA DA HISTÓRIA EUROPEIA:  
ENSAIO PARA UMA VISITA GUIADA AO MUSEU PAN-EUROPEU**

**HOUSE OF EUROPEAN HISTORY: ESSAY FOR A GUIDED TOUR  
TO THE PAN-EUROPEAN MUSEUM**

*Inês Quintanilha*

ORCID: 0000-0003-0783-8474

**Resumo:** As políticas europeias do património promoveram, nas últimas décadas, narrativas de integração e partilha de um património comum, consolidando o que vários autores designaram por Europeização. O projeto Casa da História Europeia (2007), promovido pelo então Presidente do Parlamento, inscreve-se nesta dinâmica, afirmando-se como potencial agregador dos povos e da identidade europeia, e aspirando simultaneamente representar comunidades distintas através de categorias transnacionais. Porém, à luz dos recentes eventos que têm sucessivamente ameaçado a coesão europeia, importa investigar a dificuldade de representação de *uma* História da Europa, necessariamente múltipla, interrogando: que narrativas encontramos no museu (inaugurado em maio de 2017) e que territórios de exclusão, de pertença ou de (in)visibilidade podemos delimitar? De que forma este novo museu transnacional

pretende transmitir o conhecimento da história do continente, dos seus Estados, dos seus cidadãos e da União? De que forma participa a Casa da História Europeia na política cultural de Europeização de uma memória histórica e qual a sua eficácia enquanto instrumento de aproximação dos cidadãos às instituições e ao projeto europeu? Este artigo – que tem na base um programa de Doutoramento em História da Arte com especialização em Museologia e Património Artístico – numa perspetiva de estudos de museus e culturais, mapeará a instalação e conteúdo deste novo museu face às crises europeias, procurando compreender o posicionamento ideológico da Casa da História Europeia, e questionando o modo como um museu pode debater e/ou transmitir o que significa, hoje, ser-se (ou não) europeu.

**Palavras-chave:** História da Europa; Memória e Identidade; Públicos e Museus

**Abstract:** In the last few decades, European heritage policies have been promoting narratives of integration and sharing of common heritage, consolidating what various authors designated by Europeization. The project House of European History (2007), promoted by the then President of Parliament, is part of this dynamic, affirming itself as a potential aggregator of peoples and of the European identity, and simultaneously aspiring to represent distinct communities through transnational categories. However, in the light of the recent events which have successively threatened the European cohesion, it is important to investigate the difficulty in representing *a* European history, necessarily multiple, inquiring: what narratives do we find in the museum (inaugurated in May 2017) and which territories of exclusion, belonging or (in)visibility can we

delimit? How does this new transnational museum intend to transmit the knowledge of the history of the continent, its States, its citizens and the Union? In what way does the House of European History participate in the cultural policy of Europeization of a historic memory and what effectiveness does it have as an instrument for bringing citizens closer to the institutions and to the European project? This paper, within the scope of a PhD program in History of Art with a specialization in Museology and Artistic Heritage, from a perspective of museum and cultural studies, will map the installation and content of this new museum given the European crises, trying to understand the ideological positioning of the House of European History, and questioning how a museum can debate and/or transmit what it means today to be (or not) European.

**Keywords:** European History; Memory and Identity; Publics and Museums



FIGURA 1: Aspeto da fachada frontal da Casa da História Europeia, Bruxelas, 2017. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

Inaugurada a 6 de maio de 2017, a Casa da História Europeia é um dos mais recentes equipamentos museológicos de grande escala em contexto europeu. Este novo museu, concebido e financiado pelo Parlamento Europeu, começou a ser pensado dez anos antes, em 2007 – período marcado pela conceção de dois programas preliminares, pela escolha da localização e pela sua instalação, numa intensa teia de procedimentos técnicos e burocráticos.

Foi por meio de um concurso promovido pelo European Personnel Selection Office (EPSO), que encontramos no projeto Casa da História Europeia um objeto de estudo muito interessante e pouco explorado. Em particular, impressionava desde logo a dimensão física e conceptual, assim como o objetivo a que se propunha: afirmar-se como um polo museológico da história europeia e simultaneamente um símbolo/veículo da sua identidade.

Previsto inaugurar em 2014, o museu sofreria um longo atraso. Revista a data para 2016, a Casa da História Europeia abriria finalmente ao público em 2018, precisamente no dia em que as instituições europeias celebravam o Dia da Europa. O museu tem como ideia matriz a apresentação da história da Europa. Na sua origem está o empenhamento pessoal de Hans-Gert Pöttering, presidente do Parlamento Europeu entre janeiro de 2007 e julho de 2009. Em 2007, o político conservador alemão sustentava o imperativo de um museu de história pan-europeia na necessidade de difusão e conhecimento da história da Europa, da sua unificação, forjando a construção de uma identidade europeia pelos seus cidadãos.

Defendo que deveria ser criado um lugar para a história e para um futuro onde o ideal europeu possa frutificar. Gostaria de propor a criação de uma «Casa da História Europeia». Neste espaço deverão ser conjuntamente cultivados a memória da história europeia e o esforço da unificação europeia, sendo ao mesmo tempo lugar onde uma identidade europeia possa ser moldada pelos presentes e futuros cidadãos da União Europeia<sup>380</sup>.

E assim se deram os primeiros passos para a materialização de um projeto transnacional, inteiramente financiado pelo Parlamento Europeu e a si subordinado, tendo a previsão orçamental inicial sido efetivamente estendida em vários milhões de euros<sup>381</sup>.

---

<sup>380</sup> COMMITTEE OF EXPERTS – Conceptual Basis for a House of European History, p. 4. Tradução livre da autora.

<sup>381</sup> Conforme notícia o *Telegraph* em 3 de abril de 2011, a estimativa inicial de aproximadamente 65 milhões de euros foi alargada a cerca de 155 milhões de euros. A confirmar-se, mais do que duplica o orçamento inicial. O artigo pode ser lido na íntegra em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/eu/8424826/House-of-European-History-cost-estimates-double-to-137-million.html> [Acedido a 21 de fev. 2018].

## O Projeto museológico para uma Casa da História Europeia

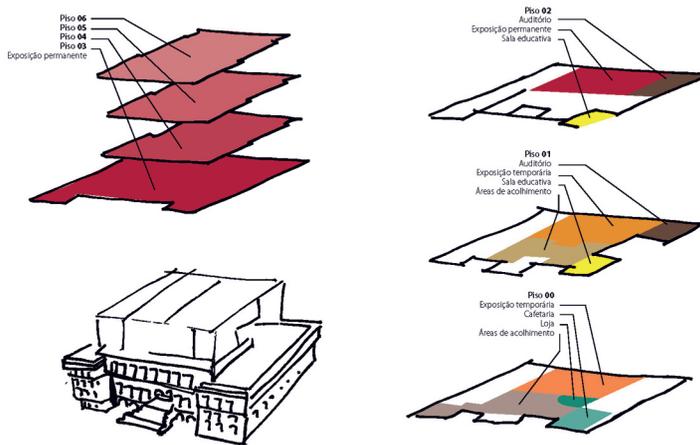


FIGURA 2: Desconstrução dos pisos do museu, projetados no Programa Museológico de 2013, página 49. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

Para a conceção de um programa preliminar foi inicialmente estabelecida uma Comissão de Especialistas<sup>382</sup>, composta por profissionais de várias nacionalidades e raízes disciplinares, que viria a conceber o documento de trabalho *Conceptual Basis for a House of*

<sup>382</sup> *Committee of Experts*, constituída, em novembro de 2007, por Hans Walter Mutter (coordenação), historiador alemão, presidente da Casa da Alemanha Ocidental (Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland); Włodzimierz Borodziej, historiador polaco, especialista em História das Ideias – Europa; Giorgio Cracco, italiano, especialista em História Eclesiástica e Medieval; Michel Dumoulin, historiador belga, especialista em História da Integração europeia (que viria a deixar a Comissão, em desacordo com a orientação histórica do projeto); Marie-Hélène Joly, francesa, especialista em museus e curadora; Matti Klinge, finlandês, especialista em História da Escandinávia; Ronald de Leeuw, museólogo holandês que dirigiu o Rijksmuseum; António Reis, historiador português, antigo docente da Universidade Nova de Lisboa, e Mária Schmidt, museóloga húngara, diretora da Casa do Terror de Budapeste (Terror Háza).

*European History*<sup>383</sup>, alinhando em 116 pontos a orientação programática do futuro museu: a identificação de uma memória e de uma identidade europeias, a democratização dos conteúdos apresentados (i.e. gratuito e compreensível por todos, tanto do ponto de vista linguístico como interpretativo), a criação de uma coleção e de um centro de documentação, a afetação permanente de fundos, a apresentação de uma narrativa com um fio condutor cronológico. Esta narrativa deveria partir do que a Comissão de Especialistas identificou como «cultura superior» (*higher culture*<sup>384</sup>) ou as raízes europeias no Mediterrâneo, alongando-se pelo declínio do Império Romano, pelas evoluções técnicas e culturais dos séculos XVII e XVIII, pelas rivalidades entre os Estados e as Nações, pelo início da Época Moderna, seus desenvolvimentos, e pelas expansões ocorridas no século XIX, até ao período entre as duas grandes guerras – altura em que a Europa colapsa – que dará lugar a um auspicioso período de crescimento, prosperidade e integração.

Um segundo documento oficial surge apenas em 2013. *Building a House of European History*<sup>385</sup>, publicado pela União Europeia, foi elaborado por um grupo de trabalho distinto do anterior, a Equipa Académica de Projeto<sup>386</sup>, liderada pela futura diretora criativa do museu, a historiadora e socióloga eslovena, consultora na área dos museus, Taja Vovk van Gaal. Em *Building a House of European*

---

<sup>383</sup> COMMITTEE OF EXPERTS.

<sup>384</sup> COMMITTEE OF EXPERTS, p. 11. Sugerido no 27.º ponto do programa *Conceptual Basis for a House of European History*.

<sup>385</sup> EUROPEAN PARLIAMENT – Building a House of European History.

<sup>386</sup> *Academic Project Team*, constituída por 23 profissionais de várias nacionalidades: Michèle Antoine, Erika Aronowitsch, Nicolas Auzanneau, Kieran Burns, Perikles Christodoulou, Étienne Deschamps, Hans de Waegeneer, Christine Dupont, Nathalie Duquesne, Ronald Evers, Martí Grau Segú, Anna Huth, Constanze Itzel, Pirjo Kempainen, Sonia Marconi, Raili Minkkinen, Andrea Mork, Françoise Petit, Elisabeth Pluijmen, Ollivier Rocher, Tessa Ryan, Raivis Šimansons e Zofia Wóycicka. Tanto a Equipa Académica de Projeto, quanto a persursora Comissão de Especialistas, foram constituídos por nomeação, não tendo sido sujeitos ao processo de contratação descrito na primeira parte deste texto.

*History* é dado a conhecer, com maior pormenor, a missão e tutela do museu, localização, características do edifício pré-existente e reabilitação em curso, os estudos prévios elaborados para avaliação de públicos, o conteúdo multilingue da exposição permanente em traços gerais, as características museográficas e museológicas desejadas, a constituição em curso de uma Coleção e as particularidades da gestão do projeto.

A Casa da História Europeia estará aberta ao público em geral e especializado de toda a Europa e para além dela. Irá ocupar um lugar central na política de serviços ao visitante do Parlamento Europeu em Bruxelas. Estará localizada numa paisagem histórica, num importante edifício da capital belga. Com o tempo, terá presença na web, desenvolverá parcerias e cooperação, e construirá um perfil cultural que se estenderá muito além dos limites físicos da sua localização<sup>387</sup>.

Ao contrário do anterior, neste segundo documento constitutivo observa-se um reforço da intenção de «apresentar múltiplas perspetivas da história»<sup>388</sup>, procurando assegurar a representatividade de todos os Estados-membros, comunidades e públicos. Por outro lado, observa-se também a tentativa de descentralizar e expandir a área de intervenção do museu, intenção não observada no documento elaborado pela Comissão de Especialistas. O conteúdo expositivo, cronologicamente apresentado ao longo dos 4.800 m<sup>2</sup> de área expositiva, distribuída por 5 pisos, deveria dividir-se em seis temas<sup>389</sup>: 1) a

---

<sup>387</sup> EUROPEAN PARLIAMENT, p. 4. Tradução livre da autora.

<sup>388</sup> EUROPEAN PARLIAMENT, p. 24. Tradução livre da autora. A Equipa Académica de Projeto defende que existem várias perspetivas sobre os mesmos acontecimentos, devendo assim esta pluralidade ser espelhada no Museu.

<sup>389</sup> *Shaping Europe, Europe Ascendant, Europe Eclipsed, A House Divided, Breaking Boundaries e Looking Ahead.*

introdução à temática do museu e identificação de um património Europeu comum, 2) o desenvolvimento e progresso ocorridos no século XIX a partir de ideias surgidas da Revolução Francesa, 3) a trajetória descendente que levaria à I e à II Guerras Mundiais, 4) a reconstrução de um continente devastado e dividido, 5) o processo de integração europeia e, num último momento da exposição permanente, 6) a colocação do visitante em primeiro plano através do apelo à reflexão e à participação (neste caso, omisso na forma).

Partindo essencialmente dos dois documentos oficiais, publicados entre 2008 e 2013, podemos afirmar que a Casa da História Europeia se afigurava, assim, um objeto de estudo particularmente estimulante por se tratar de um equipamento supranacional, por ambicionar a transnacionalidade<sup>390</sup> através da representação de comunidades diversas e geograficamente dispersas, pela particularidade de a sua conceção partir de uma ideia e não de uma coleção, pela pouca participada discussão europeia (central e local) que gerou, pela origem da sua encomenda e gestão do projeto, pela ainda por estudar formalização dos seus conteúdos expositivos. Daí, colocam-se de imediato inúmeras questões: o que legitima a opção de apresentação do acontecimento *a* em detrimento do acontecimento *b*? Que evolução se identifica na conceção oficial do museu articulada no documento elaborado em 2008 para o de 2013? E como é, efetivamente, a narrativa implantada? Que características tem a museologia do novo museu, será ela capaz de ultrapassar a extrema dificuldade de articular e expor a história Europeia? Mesmo apresentando diversas vozes, será o museu capaz de dar representatividade a todas elas? E, neste ponto de vista, qual a legitimidade da construção de um megamuseu, amplificando ou não a ideia de integração bem-sucedida

---

<sup>390</sup> KAISER, Wolfram et. al. – Exhibiting Europe in Museums. Transnational Networks, Collections and Representations. MACDONALD, S. – Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today. SIERP, A. et. al. – Linking the Local and the Transnational: Rethinking Memory Politics in Europe.

e futuro auspicioso defendida por Hans-Gert Pöttering, num contexto de desintegração e crise financeira europeia, a que se acrescentam graves crises humanitárias? Fará parte de uma política cultural europeia que visa a inculcação e oficialização de uma memória histórica ou da tentativa de aproximação dos cidadãos europeus às instituições e ao projeto europeu? O debate internacional alargado em torno de um projeto desta dimensão, porque não existiu? E como se posiciona Portugal perante este museu que também nos pretende representar, não tendo, ao contrário de outros Estados europeus, um Museu de História Nacional?

Num pequeno vislumbre, ainda em 2016, da materialização deste projeto, para Andrea Mork, coordenadora de conteúdos da Casa da História Europeia, a formalização do museu teria particularmente presente a ideia de que os principais acontecimentos e desenvolvimentos da história europeia, que a marcaram e que ainda são bem presentes, estenderam-se a vários países apesar de apreendidos de maneiras diferentes. Para a curadora, a Casa da História Europeia pretende assim tornar-se um «reservatório da memória europeia», em si mesma uma memória partilhada, que simultaneamente dividiu e uniu as suas comunidades<sup>391</sup>.

Em suma, a Casa da História Europeia não será apenas uma representação da multiplicidade das histórias nacionais. Será um «reservatório da memória europeia», contendo experiências e interpretações em toda a sua diversidade, contrastes e contradições. A sua apresentação da história será ambivalente ao invés de homogénea, crítica ao invés de afirmativa<sup>392</sup>.

---

<sup>391</sup> MORK, A. – Constructing the House of European History. Tradução livre da autora.

<sup>392</sup> MORK, A., p. 221. Tradução livre da autora.

A evolução do posicionamento oficial dos organizadores deste projeto é assim evidente, tornando crucial a sua análise através dos conteúdos implantados. No artigo que aqui se alinha, procuramos perceber que corpo tomou a história da Europa na Casa da História Europeia e qual será o papel do visitante. A jusante, importa também perceber se *uma identidade europeia* está na génese deste novo museu ou se ele foi erigido para precisamente dar lugar a esse debate ou ensaio.

### O Edifício Eastman



FIGURA 3: Construção do Edifício Eastman, em fotografia de 4 de abril de 1934.– Fonte: Universidade de Rochester.

O Edifício Eastman, localizado no Parque Léopold em pleno Bairro Europeu de Bruxelas, escolhido pelas instituições europeias para instalação do novo museu, data de 1935 e foi desenhado pelo arquiteto suíço Michel Polak (1885-1948) para albergar uma iniciativa do filantropo George Eastman (1854-1932). Eastman, norte-americano, patenteou o filme fotográfico em 1880, fundando oito anos mais tarde a Kodak, marca através da qual constituiu a riqueza que o permitiu inaugurar em 1917 a primeira clínica dentária. Em 1935, levaria também a Bruxelas a sua iniciativa de tratamento gratuito a crianças desfavorecidas<sup>393</sup>. Neste contexto, o arquiteto Michel Polak dotou o edifício de uma fachada de pedra branca, relevos de esmalte e uma grande porta com painéis decorativos em ferro forjado. No interior, em espaços como salas de aula e de tratamentos, laboratórios, um pequeno museu de ortodontia e uma biblioteca, Polak utilizou madeira congoleza, evitando o branco e privilegiando uma vasta gama de cores, pontuada pela iluminação natural que as grandes janelas favoreciam. Na sala de espera, em particular, foram introduzidas pinturas decorativas do pintor belga Camille Barthélémy (1890-1961), recuperando a obra de Jean de La Fontaine (1621-1695), assim como uma grande gaiola em bronze com aves exóticas no centro da sala. Nesta conceção está patente a iniciativa de proporcionar ao público infantojuvenil uma permanência agradável, segundo o arquiteto.

Em 1985 o edifício foi alugado pelo Parlamento Europeu para acolher serviços de apoio e associações europeias, empréstimo sucessivamente renovado até que, em 2008, foi garantido o direito de superfície do imóvel por 99 anos. Em junho de 2009, o Parlamento Europeu aprovou a proposta de instalação do futuro museu no edifício Eastman, partilhando fronteiras com instituições como o Parlamento Europeu

---

<sup>393</sup> As restantes clínicas foram inauguradas em 1930, Londres; em 1933, Roma; em 1936, Estocolmo; e em 1937, Paris.

ou a Comissão Europeia. Seria, segundo expressão<sup>394</sup>, o prolongamento do fim para o qual o edifício foi concebido: continuar a educar e a servir o público. Escolhido o imóvel, deu-se lugar aos procedimentos para abertura de um concurso de arquitetura que haveria de se tornar demasiado complexo e atrasar a inauguração do museu.

O projeto museológico da Casa da História Europeia deu lugar, em 2013, à reabilitação e ampliação do edifício Eastman, reinterpretado para o efeito pelo consórcio vencedor do concurso, composto pelos ateliers Chaix & Morel, de França, pelos alemães do JSWD Architekten e pela empresa belga de engenharia TPF. O projeto de arquitetura incluiu a construção de uma extensão em altura e a restauração das fachadas originais e de algumas salas, de forma a preservar a estética do lugar. A conclusão do projeto duplicou o espaço ao antigo Eastman, dotando o museu de cerca de 4.000 m<sup>2</sup> de área expositiva permanente e 800 m<sup>2</sup> adicionais para exposições temporárias. A ampliação de área expositiva deve lugar à construção de um bloco central a partir do pátio interior e da cobertura superior. Este novo volume adicionou ao corpo existente 3 novos pisos em estrutura perfeitamente simétrica. A partir deste projeto de arquitetura, estimado em 31 milhões de euros, foi ainda possível acrescentar ao edifício um auditório com capacidade para 100 pessoas e uma cafetaria.

### **Contextualização e investigações sobre a Casa da História Europeia**

À luz da informação de que dispomos, cremos que as últimas décadas do século xx terão sido vividas em ambiente de paz e

---

<sup>394</sup> Indicação constante do *briefing* «Building of the European Parliament, European Parliamentary Research Service», fevereiro de 2016. PE 577-597.

prosperidade na Europa Ocidental, sendo Bruxelas o seu centro simbólico ao agregar instituições decisoras, como sejam a Comissão Europeia ou o Parlamento Europeu. Nestes, numa intensa teia, jogam-se leis e financiamentos, influenciando e manipulando o quotidiano dos cidadãos dos (atuais) 28 Estados-membros. Pensamos poder afirmar que os cidadãos europeus têm alguma dificuldade de identificação e entendimento do jogo político dos atores europeus<sup>395</sup>, registando-se uma participação política abaixo dos 50% quando chamados a exercer o direito de voto<sup>396</sup>. O contexto económico e político da integração e sucessivos alargamentos<sup>397</sup> foi marcado pela emergência de um processo de negociação de cima para baixo (*top-down*<sup>398</sup>), explicado pela implementação de decisões políticas conducentes aos alargamentos e não a movimentos de origem regional. Por outro lado, nesta teia burocrática, atores não institucionais<sup>399</sup> introduzem, não raro, as suas agendas e preferências na formação de políticas concretas.

---

<sup>395</sup> RIGNEY, Ann – *Transforming Memory and the European Project*, p. 607. Tradução livre da autora.

<sup>396</sup> Para o efeito, analisaram-se os registos de participação nas eleições para o Parlamento Europeu. A participação, em 2014, para a eleição de 751 deputados ao Parlamento Europeu, saldou-se em 168 milhões de cidadãos votantes, representando 42,61% do total de recenseados. Na primeira eleição, ocorrida em 1979, a participação foi de 61,99%, registando-se um decréscimo da participação desde então. Estes resultados podem ser consultados em: [http://www.europarl.europa.eu/pdf/elections\\_results/review.pdf](http://www.europarl.europa.eu/pdf/elections_results/review.pdf) [Acedido a 21 de fev. 2018].

<sup>397</sup> Entre 1958, ano da fundação promovida pela Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos, e 2013 houve lugar sete alargamentos, tendo Portugal aderido à então Comunidade Económica Europeia em 1986, na sua terceira abertura.

<sup>398</sup> Movimento descrito, por exemplo, em *Negotiation Europe*, de Oriane Calligaro, e em *Transforming Memory and the European Project*, de Ann Rigney.

<sup>399</sup> Atividade de representação de interesses privados junto de decisores públicos, designada correntemente por *lobbying*. Face à constatação dessa realidade e à iniciativa de alguns Estados-membros de legislar o *lobbying*, o Parlamento Europeu publicou em 2015 o *European Transparency Register*, onde novas regras obrigam à prestação de informações complementares à sua atividade política por parte dos Deputados ao Parlamento Europeu.

Para fazer face ao instável contexto europeu dos anos 1970, onde se avolumavam dúvidas relativamente à prosperidade económica e à necessidade de novas referências políticas, surgem nos discursos oficiais<sup>400</sup> alusões a uma crise de valores e à necessária procura de uma identidade europeia, capaz de dar ao projeto europeu «(...) um significado que iria “além das considerações económicas, financeiras e materiais”»<sup>401</sup>. É neste contexto que o vasto domínio do património cultural começa a ser explorado simbólica e politicamente como recurso para um renovado apoio ao projeto político e à solidariedade entre europeus. A institucionalização da ação das instituições europeias no campo do património cultural dá-se na década seguinte, tendo sido inclusivamente criado em 1984 o *European Historical Monuments and Sites Fund*. Os anos 1990 e o Tratado de Maastrich abriram caminho à base legal para uma ação cultural no seio da União, introduzindo programas comunitários para promoção de uma dimensão histórica da cultura e da criação artística<sup>402</sup>.

É nesta circunstância que nos podemos reportar a um novo conceito: a Europeização do património. Na transição entre os dois últimos séculos, verificamos a concretização de práticas culturais aliadas à criação de narrativas supranacionais, ou meta-narrativas<sup>403</sup>, a materialização de uma consistente política que frequentemente se designa de Europeização<sup>404</sup>, tendente a reforçar os princípios de

---

<sup>400</sup> A Declaração sobre a Identidade Europeia, publicada no *Official Journal of the European Communities* (OJEC), em 14 de setembro de 1973, ou a Resolução pela Proteção do Património Cultural Europeu, publicada no mesmo boletim, em 30 de maio de 1974.

<sup>401</sup> CALLIGARO, Oriane – *Negotiating Europe, EU Promotion of Europeanness since the 1950s*, p. 85. Tradução livre da autora.

<sup>402</sup> CALLIGARO, Oriane.

<sup>403</sup> RIGNEY, Ann, REMES, Anastasia and BEVERNAGE, Berber – *Memory, Identity and the Supranational History Museum: The House of European History. Creating a Place for Reflection and Debate or Constructing a European Master Narrative?* Tese de Mestrado. Ghent: Universidade de Ghent, 2013.

<sup>404</sup> CALLIGARO, Oriane, KAISER, Wolfram et. al.

integração da União Europeia. A Europeização adquire, assim, forma de prática cultural que tem lugar no contexto económico e político da União Europeia, num processo geralmente produzido por atores diferentes num campo muito alargado que se designa de património. Com o objetivo de promover o envolvimento político dos cidadãos em favor do projeto europeu, o património evolui como base pedagógica para uma forma de educação europeia e, ao mesmo tempo, um processo de despertar para a Europeidade<sup>405</sup>. O património é simultaneamente apresentado como forma e substância dessa Europeidade, num processo de instrumentalização política em nome da integração.

Enquanto para Chris Shore<sup>406</sup> a Europeização da Europa é uma espécie de colonialismo interno, posto em prática por políticas *top-down* de instrumentalização da cultura, implementadas a nível nacional mas decididas no seio das instituições europeias, Oriane Calligaro<sup>407</sup> acrescenta a esta dicotomia outro nível de atores. Para a autora, as instituições europeias não propõem uma definição fixa de Património, envolvendo nesta negociação um contexto regional. Do mesmo modo, defende a existência de uma permanente negociação entre os empreendedores da Europeidade nas instituições europeias e os atores não institucionais que lhe dão substância e a comunicam. Neste grupo, Oriane Calligaro enquadra, por exemplo, os historiadores e as agendas académicas.

Através do património, projetos recentes como *Europeana* (2005), *EuNaMus* (2010) ou *New Narrative for Europe* (2013)<sup>408</sup> exemplificam

---

<sup>405</sup> CALLIGARO, Oriane.

<sup>406</sup> SHORE, Chris – Building Europe. The Cultural Politics of European Integration.

<sup>407</sup> CALLIGARO, Oriane.

<sup>408</sup> *Europeana*, acessível em <http://www.europeana.eu/portal/en>. *EuNaMus* acessível em <http://www.ep.liu.se/eunamus/index.html>. E o projeto *New Narrative for Europe*, com informações disponíveis na página [https://ec.europa.eu/culture/policy/new-narrative\\_en](https://ec.europa.eu/culture/policy/new-narrative_en) [Acedidos a 21 de fev. 2018].

iniciativas de dimensão europeia em torno da memória de um passado comum e de uma narrativa de sucesso após o caos. A Europeização surge, pois, associada a iniciativas promovidas pelas instituições europeias cujo objetivo se traduz, nomeadamente por via dos museus, numa convergência transnacional e de ensaio de uma memória coletiva na Europa<sup>409</sup>. À semelhança do que aconteceu, no século XIX, na constituição dos Estados-nação, a produção de uma narrativa oficial concretiza-se na defesa de uma integração nacional (neste caso transnacional) e de formação do Estado (aqui União de Estados), criando e estruturando tradições, nacionalizando memórias coletivas de forma a legitimar esses mesmos Estados (agora União Europeia), sistemas políticos e objetivos de política externa e interna<sup>410</sup>. Entende-se assim que a memória ganha lugar no debate público como uma forma efetiva de relacionamento pessoal e coletivo com o passado, colocando o cidadão no centro, aproximando-se da identidade e, num movimento contrário, distanciando-se da história ou, pelo menos, das suas grandes narrativas<sup>411</sup>.

Observou-se, nos anos 1980, um crescimento do número de museus europeus e a sua colocação no centro da disseminação dessa meta-narrativa, através do que se ensaiaram «fábricas de identidade»<sup>412</sup> diante a uma imagem da história europeia por vezes difusa e desconexa. Nesta medida, trabalhando sobre os processos em que a Europeização molda as representações do património, Wolfram Kaiser analisa as suas tendências contemporâneas, evoluindo de práticas discursivas à materialização em exposições, museus e coleções:

---

<sup>409</sup> KAISER, Wolfram – Clash of Cultures: Two Milieus in the European Union's "A New Narrative for Europe".

<sup>410</sup> KAISER, Wolfram.

<sup>411</sup> RIGNEY, Ann.

<sup>412</sup> KAISER, Wolfram. Tradução livre da autora.

Interessa-nos saber em que medida os processos de europeização, que estão a ganhar forma em diferentes esferas sociais, com diferentes graus de intensidade, se refletem em exposições, influenciam o planeamento de novos museus ou transformam as suas coleções; que objetos são selecionados para representar determinada história europeia, e como estes circulam; que meta-narrativas da história da integração são desenvolvidas e que depois competem entre si e com as narrativas nacionais e regionais existentes; e como as fronteiras discursivas e materiais da «Europa» são definidas através da representação museológica<sup>413</sup>.

Uma das dimensões da política cultural europeia é, justamente, a construção da cidadania assente numa meta-narrativa, tendo o património como instrumento<sup>414</sup>. Seguindo essa linha de pensamento, Sharon Macdonald faz uma análise da instrumentalização da história e da memória através da negociação permanente do património no sentido da despolitização, da perda do confronto, do luto ou do medo, favorecendo um sentido de pertença<sup>415</sup>. Nessa duplicidade de musealização da europa e Europeização do museu, encontramos, portanto, inúmeras zonas cinzentas ou pouco nítidas, levando-nos a questionar sentidos e exclusões dessa meta-narrativa institucionalizada.

A 6 de maio de 2017, o Parlamento Europeu inaugurou finalmente o novo museu transnacional Casa da História Europeia, idealizado por Hans-Gert Pöttering, que o justificou na necessidade de difusão e conhecimento da história do continente, e na afirmação identitária da sua unificação<sup>416</sup>. Como acima referido, a formulação conceptual subjacente à criação deste equipamento pode definir-se em dois

---

<sup>413</sup> KAISER, Wolfram, p. 5. Tradução livre da autora.

<sup>414</sup> BENNETT, Tony – *The Work of Culture*.

<sup>415</sup> MACDONALD, Sharon – *Museums, national, postnational, and transcultural identities*.

<sup>416</sup> COMMITTEE OF EXPERTS.

documentos temporalmente distantes: um primeiro programa preliminar, *Conceptual Basis for a House of European History*<sup>417</sup>, delineado por uma Comissão de Especialistas em 2008, e, em 2013, um segundo documento programático intitulado *Building a House of European History*<sup>418</sup>, concebido pela nova Equipa Académica de Projeto.

Desde o surgimento do projeto Casa da História Europeia até à sua formalização e instalação mediaram cerca de 10 anos<sup>419</sup>. Durante este período, embora se possa registar a quase total ausência de debate público ou até mesmo conhecimento pela opinião pública em geral<sup>420</sup>, no seio da academia foram surgindo algumas investigações. As primeiras tomam a Casa da História Europeia como objeto através do documento publicado em 2008 e elaborado pela Comissão de Especialistas. Deste grupo faz parte a dissertação *Memory, Identity and the Supranational History Museu: The House of European History. Creating a place for reflections and debate or constructing a European master narrative*<sup>421</sup>, de Anastasia Remes<sup>422</sup>, que terá inclusivamente estagiado no Parlamento Europeu aquando da sua investigação. Nela, a autora descreve o contexto historiográfico, museológico e político em que a Casa da História Europeia se estaria a concretizar. Evidenciando a crise económica e das dívidas soberanas, então no período mais sensível, e o generoso orçamento de que o projeto dispôs, localiza esta dicotomia precisamente em confronto com a existência de uma crise de identidade europeia. Remes argumenta que a história

---

<sup>417</sup> COMMITTEE OF EXPERTS.

<sup>418</sup> EUROPEAN PARLIAMENT.

<sup>419</sup> Em comunicado do Parlamento Europeu à imprensa (PR44855, datado de 16.12.2008) introduz-se a data de 13 de fevereiro de 2007 como a apresentação da Casa da História Europeia por Hans-Gert Pötering.

<sup>420</sup> Alguns órgãos de comunicação social britânicos e alemães terão feito várias peças sobre o tema, enfatizando, nomeadamente, o orçamento disponível e os sucessivos alargamentos de prazos.

<sup>421</sup> Tese defendida na Universidade de Ghent, Bélgica, em 2013, com vista à obtenção do grau de mestre em História.

<sup>422</sup> REMES, Anastasia.

tem neste projeto o lugar de reservatório a partir do qual se constroem as identidades contemporâneas, concluindo existir no projeto Casa da História Europeia a intenção de a utilizar como forma de legitimação da política europeia contemporânea. Deste primeiro grupo de investigações faz ainda parte *Political Values in a European Museum*<sup>423</sup>, trabalho desenvolvido por Pieter Huistra, Marijn Molema e Daniel Wirt, onde os autores problematizam a instrumentalização da Casa da História Europeia<sup>424</sup>, escrutinando valores e identidades políticas através do documento *Conceptual Basis*<sup>425</sup>. Huistra, Molema e Wirt caracterizam o museu, por meio do seu primeiro programa, como território não neutro, que veicula determinada mensagem, um *media* através do qual são comunicadas identidades a largas audiências. Nessa medida, adotando uma visão de inspiração em Michel Foucault<sup>426</sup>, questionam o lugar do museu na formação de uma identidade nacional, equacionando a sua existência enquanto instrumento ideológico ou de propaganda. Em contraponto, admitem a possibilidade da audiência adotar uma posição independente, interpretando criticamente a narrativa. Os autores concluem existir no programa museológico da Casa da História Europeia uma ideologia política em favor da integração europeia, a idealização de um produto político com o objetivo de reproduzir esse mesmo discurso que, por seu turno, não é objetivo devido à seleção de eventos e episódios. Assim, para os autores:

---

<sup>423</sup> Artigo publicado no *Journal of Contemporary European Research*, por uma equipa que se distribui pelas áreas da História e da Antropologia.

<sup>424</sup> HUISTRA, Pieter, MOLEMA, Marijn and WIRT, Daniek – Political Values in a European Museum.

<sup>425</sup> COMMITTEE OF EXPERTS.

<sup>426</sup> Em *Vigiar e Punir*, publicado originalmente em 1975, Michel Foucault teoriza sobre o impacto social e disciplinador de escolas, prisões e hospitais.

Não admira que o centro do primeiro capítulo de *Conceptual Basis* seja a cultura. A noção de continuidade repousa sobre a estabilidade da Europa. Essa estabilidade encontra-se com maior facilidade numa espécie de substrato subjacente à história europeia, a saber, a cultura europeia<sup>427</sup>.

Através da análise dos conteúdos do programa de 2008, reconhecendo-se o esforço para evidenciar as migrações e a colonização como aspetos integrantes e transformadores no seio da União Europeia, os autores defendem que a Casa da História Europeia foi projetada como instrumento legitimador do processo de integração europeia, procurando sobrepor às narrativas nacionais uma narrativa supranacional, europeia e unidirecional, e onde se afirma uma identidade cultural comum através da força motriz da tríade colapso, renascimento, progresso.

De um segundo grupo de trabalhos faz parte *Including Exclusion in European Memory Politics of Remembrance at the House of European History*<sup>428</sup>, de Veronica Settele. Nele a autora acrescenta à análise de *Conceptual Basis*<sup>429</sup> o segundo documento programático, publicado em 2013 pela Equipa Académica de Projeto da Casa da História Europeia. Face à visão política de que a partilha de uma consciência histórica poderia forjar uma identidade europeia convergente, Settele propõe verificar se a Casa da História Europeia introduz contra narrativas à prevalência da narrativa de integração como uma história de sucesso. Para responder a essa questão de partida, a

---

<sup>427</sup> HUISTRA, Pieter, MOLEMA, Marijn and WIRT, Daniek. Tradução livre da autora.

<sup>428</sup> SETTELE, Veronika – Including Exclusion in European Memory? Politics of Remembrance at the House of European History. Artigo publicado no *Journal of Contemporary European Studies*, sendo a proveniência da autora a área da História.

<sup>429</sup> COMMITTEE OF EXPERTS.

autora compara as políticas da União Europeia à discussão em torno da abordagem do museu ao tema da migração e dos migrantes.

A maneira como o museu se relaciona com as migrações está relacionada com a história do colonialismo, na medida em que os padrões de migração refletem os antigos laços coloniais<sup>430</sup>.

Tal como os autores anteriores identificaram, Veronica Settele também aponta a inexistência de debate público em torno do desenvolvimento do projeto, à exceção de pequenas investigações académicas, falhando precisamente num dos objetivos do museu: promover um maior envolvimento dos cidadãos nos processos de decisão política numa Europa unida. Na comparação dos dois documentos oficiais, a autora identifica ainda uma mudança de paradigma, veiculada na evolução de um discurso de paz total para a tónica na alteração de fronteiras e na oscilação entre centro e periferia. Em resultado, em *Building a House of European History* observa-se a intenção de dar visibilidade a várias interpretações e múltiplas perspetivas da história, sem, contudo, alterar a sua apresentação cronológica no sentido do sucesso e superação europeus. De 2008 para 2013 observam-se, assim, a tímida inclusão das «vozes marginais»:

Resumindo a análise da exposição permanente que está a ser preparada pela Casa da História Europeia, defendo que, em relação à representação no museu de «vozes marginais», no contexto da migração e do colonialismo, há diferenças substanciais entre *Conceptual Basis*, de 2008, e o programa revisto em 2013, sobre os quais a Equipa Académica de Projeto introduz alguns conteúdos<sup>431</sup>.

---

<sup>430</sup> SETTELE, Veronika, p. 407. Tradução livre da autora.

<sup>431</sup> SETTELE, Veronika, p. 412. Tradução livre da autora.

Em conclusão, Veronica Settele identifica também na Casa da História Europeia a tentativa de criação de uma fábrica de identidade, precisamente programada em contexto de fragmentação europeia, crise das dívidas soberanas e do advento de partidos nacionalistas de extrema-direita. Para a investigadora alemã, tal é feito à custa da exclusão dos que habitualmente não têm voz, como se verifica pela inexistência de contra narrativas à integração bem-sucedida e à paz generalizada. No entanto, a autora coloca a hipótese de, aquando da efetiva instalação do museu, o pensamento ter já evoluído para a negociação consciente entre centro/periferia, poder/subalternidade e pertença/exclusão, verificando-se então a efetiva inclusão dessas «vozes marginais».

Uma quarta investigação, *Narrating Unity at the European Union's New History Museum*<sup>432</sup>, de Till Hilmar, tem por base os dois documentos oficiais e programáticos e é enriquecida por entrevistas a intervenientes na instalação do museu. Nela, Hilmar aponta os antagonismos de que sofre a unidade europeia, como sejam a memória dos regimes opressores soviéticos em oposição ao regime nazi, as guerras dos Balcãs e os recentes conflitos armados na Ucrânia e na Síria, assolando uma narrativa de paz. Tendo como objeto a Casa da História Europeia, Hilmar procura perceber que caminhos existem então para a construção da expressão cultural da identidade europeia. Para tal, o autor vai munir-se de um modelo de análise que explica a formação da memória como um processo cultural. E, nesse sentido, sugere:

Para o caso analisado neste artigo mostrarei que o imperativo de uma dimensão transnacional constitui simultaneamente um espaço expressivo e conceptualmente indefinido. Estas duas características permitem que os agentes de memória identifiquem

---

<sup>432</sup> HILMAR, Till – *Narrating Unity at the European Union's New History Museum: A Cultural-Process Approach to the Study of Collective Memory*. Artigo publicado no *European Journal of Sociology*, da Universidade de Cambridge, posicionando-se o autor na área da Sociologia.

o transnacional com o sagrado e criem um incentivo para manter uma distância moral do seu equivalente, o nacional<sup>433</sup>.

A Casa da História Europeia aborda em particular a complicada relação entre memórias da Europa oriental, especialmente traumática no século xx e colocada na centralidade dos conteúdos museológicos. Till Hilmar encontra, neste processo de intenções que é a Casa da História Europeia à altura da sua investigação, um princípio moral de moderação através da própria exposição permanente, procurando ativamente esbater-se diferenças entre os regimes Nazi e Soviético. Neste caso evidencia o papel da museografia no sentido de evitar, ou alternativamente colocar em evidência, tensões morais que estruturam o enquadramento da memória. Em *Narrating Unity at the European Union's New History Museum* o autor identifica ainda pressões para o abandono de uma apresentação cronológica conservadora, com vista ao favorecimento de uma narrativa da integração:

Embora a independência política das duas equipas de trabalho seja posta em evidência, salienta-se a intervenção do Conselho de Administração, nomeado politicamente, relativamente à consistência diacrónica. A lógica de uma abordagem estritamente cronológica foi descartada «de cima», abrindo caminho a uma organização temática, evidentemente para dar mais peso na exposição ao processo de integração europeia<sup>434</sup>.

Por fim, Till Hilmar observa que a narrativa histórica global é exposta através de episódios e experiências individuais, por força da coleção do museu entretanto constituída, e sobre a qual ainda pouco conhecemos, a que terá tido acesso no âmbito da sua investigação.

---

<sup>433</sup> HILMAR, Till, p. 300. Tradução livre da autora.

<sup>434</sup> HILMAR, Till, p. 317. Tradução livre da autora.

Porém, no campo da representatividade, apesar da possibilidade de geração de empatia e reconhecimento através dos objetos da coleção, o autor aponta a diferença entre as vítimas do nazismo e do estalinismo, onde o sentido de pertença se denota relativamente aos primeiros. Do mesmo modo, o autor observa que o tema Islão apenas é abordado no último núcleo (e piso), área considerada exterior à exposição permanente. Till Hilmar coloca assim em evidência as relações de poder expressas através do projeto Casa da História Europeia, o carácter vago da transnacionalidade que ali se procura representar e a existência de uma linha cronológica que claramente favorece a narrativa temática de integração Europeia, enquanto negligencia a autocrítica face ao colonialismo e descolonização, aos totalitarismos outros que não o nazismo ou o estalinismo, à relação entre europeus e o outro ou os eventos traumáticos dos povos do sul da Europa.

### **Primeiras impressões sobre o Museu e que História da Europa?**

A partir da investigação em curso, e com base nos dados recolhidos até ao momento, a Casa da História Europeia oferece gratuitamente dois tipos de exposições: uma permanente e temporárias. A exposição temporária *Interactions*, que esteve patente até ao dia 31 de maio de 2018, distribuía-se pelos Pisos 0 e 1 e apresentava em três núcleos histórias sobre «(...) pessoas em movimento e que travam conhecimento, sobre as ideias e os bens, sobre os encontros e as trocas, para uma visão caleidoscópica da história cultural da Europa»<sup>435</sup>. Do mesmo modo, pretendia levar o visitante a interagir com os conteúdos, possibilitando o conhecimento do modo de vida privada e em comunidade de europeus de outro tempo.

---

<sup>435</sup> Informação constante da página na *internet* da Casa da História Europeia, disponível em: <https://historia-europa.ep.eu/en/interactions> [Acedido a 21 de fev. 2018]. Tradução livre da autora.



FIGURA 4: Pormenor do primeiro núcleo da exposição temporária *Interactions*, 2017. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

O primeiro núcleo, intitulado *Tracking my Europe*, através de um quadro digital interativo que estabelece ligações geográficas no continente, desafiava o visitante a usar as suas referências para participar no mapeamento colaborativo das conceções e preferências dos europeus, nomeadamente em termos de gostos gastronómicos ou musicais e sentido de pertença em «raízes». Este quadro mantém-se em página própria na internet ([my-europeanhistory.ep.eu](http://my-europeanhistory.ep.eu)).



FIGURA 5: Pormenor do último núcleo da exposição temporária *Interactions*, 2017. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

Um segundo núcleo, *The Market Place, the Battlefield, the Assembly and the Café – Encounters*, através da seleção de eventos-chave e de objetos de proveniências diversas, retratava os encontros que ao longo dos tempos os europeus estabeleceram entre si. Motivados por interesses económicos, políticos ou através das artes, transmitia-se a criação de novos hábitos, interesses, ideias e gostos diversos, culminando na transformação da Europa num espaço transcultural. Um terceiro e último núcleo apresentava, através de uma cenografia bastante presente e que por vezes estranhámos<sup>436</sup>, objetos de uso

---

<sup>436</sup> Conteúdo estereotipado, colocando lado-a-lado obras de arte e objetos originais a reproduções e elementos cenográficos construídos para o efeito, como sejam equipamento e mobiliário doméstico de época, réplicas de comida em plástico.

quotidiano, de datações diversas, para ilustrar a contaminação cultural na vida dos cidadãos europeus.

A visita ao museu, com exceção da exposição temporária traduzida em quatro línguas<sup>437</sup>, torna obrigatório ao seu entendimento o uso de um dispositivo portátil para descrição dos conteúdos e legendagem da coleção apresentada. Naquele, num sistema que achámos intuitivo, embora a espaços confuso devido à profusão de conteúdos, podemos seleccionar uma das 24 línguas oficiais da União Europeia. E é através deste guia que descobrimos os outros cinco pisos do museu onde se devolve a exposição permanente, dividida em seis temas, que pretende «(...) explorar a forma como a História moldou um sentimento de memória europeia e continua a influenciar as nossas vidas, hoje em dia e no futuro»<sup>438</sup>. Ao invés de uma narrativa centrada na história das nações europeias, a equipa de conteúdos preparou uma seleção de momentos, expressando estar conscientes de interpretações diversas por parte do público. Ou, em nosso entender, abrindo caminho a essa possibilidade para fazer face ao consenso sempre desejado no seio das instituições europeias.

---

<sup>437</sup> Apresentadas pela seguinte ordem: inglês, francês, neerlandês e alemão.

<sup>438</sup> CASA DA HISTÓRIA EUROPEIA – *Guia de Bolso. Exposição Permanente*, p. 5.



FIGURA 6: Aspeto do Piso 2 e pormenores da cenografia que acompanha a narrativa sobre o século XIX, 2017. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

Assim, no início da exposição permanente no piso 2, encontramos *A Definição da Europa*, tema subdividido em três núcleos numa área pouco densa de conteúdos. Aqui, o visitante é posto em confronto com a pergunta de partida «O que é a Europa?», enquanto os conteúdos reportam à mitologia grega, à Revolução Francesa ou à formação da Comunidade Económica.



FIGURA 7: Vitrina dedicada ao tema da Segunda Guerra Mundial e, de frente, instalação vídeo com registos da guerra. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

O piso 3 desenvolve os temas *Europa: uma Potência Mundial* e *Europa em Ruínas*, subdivididos nos núcleos *Europa: uma Potência Mundial*, um breve percurso pelo século XIX e o assinalar de uma época de grandes transformações, *Primeira Guerra Mundial*, apresentada como um ponto de «viragem», *Totalitarismo contra Democracia*, que assinala o fracasso das novas democracias e o advento de regimes «autoritários e totalitários», e *Segunda Guerra Mundial*, apresentada como uma «guerra total» que não distingue civis de soldados. No quarto piso, o tema *A Reconstrução de um Continente Dividido* divide-se no núcleo homónimo, que assinala um pós-guerra ruinoso que dá lugar a uma Europa dividida entre a rejeição do Comunismo e a «substituição da tirania nazi pela ditadura comunista sob domínio

soviético»<sup>439</sup>, e nos núcleos *A Criação da Segurança Social*, narrando a melhoria das condições de vida da população europeia ocorridas nos anos 1960 e 1970, e *A Memória da Shoah*, reconhecendo a omissão durante décadas deste trágico momento da história Europeia em oposição ao dever de memória assumido «hoje em dia». O tema *Certezas Estilhaçadas* é apresentado no quinto piso, subdividido em quatro núcleos. *Certezas Estilhaçadas* apresenta a fragilidade do «boom do pós-guerra» posto em evidência por novos movimentos sociais, *Redesenhar o Mapa da Europa* narra o alargamento da Comunidade, a alteração de fronteiras e a reunificação alemã surgida do declínio dos «problemas estruturais» dos países comunistas, *Marcos da Integração Europeia* fala-nos do fim da Guerra Fria, da adesão dos países comunistas e da união dos Estados-Membros «a fim de atingirem uma eficiência supranacional», e, por fim, *Uma Memória Europeia Partilhada e Dividida* assinala os 25 anos da União Europeia e a queda do Comunismo para descrever a tendência de preservação da memória Europeia, questionando «O que é a memória Europeia?». A exposição permanente encerra no 6 e último piso da Casa da História Europeia, com um núcleo intitulado *Elogios e Críticas*, onde o visitante é desafiado a partilhar, em papel que será colado numas das paredes da vasta e descoberta área do piso, a sua visão e entendimento da Europa, o que é ser-se europeu e a necessidade de preservação da memória. Uma escultura do Estúdio Todomuta, uma delicada filigrana de 25 metros em alumínio e aço localizada no átrio do edifício, desdobra-se ao longo dos 6 pisos do edifício como peça alegórica para refletir o lema do museu: unidade na diversidade, através de alfabetos e idiomas diversos.

---

<sup>439</sup> CASA DA HISTÓRIA EUROPEIA, p. 11.



FIGURA 8: Hans-Gert Pöttering, ex-presidente do Parlamento Europeu, e António Tajani, atual detentor da pasta, por ocasião da pré-inauguração do museu. Em segundo plano a escultura do estúdio Todomuta, 4 de maio de 2017. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

A escultura de 25 m de altura em alumínio e aço torna-se o eixo principal da área de exposição, pois está localizada no átrio e atravessa os seis andares do edifício, comportando-se como um elemento orgânico e vivo que flutua sob a claraboia, esboçando uma infinidade de movimentos ascendentes que se expandem, não só no espaço central, mas também em cada um dos salões do museu, acompanhando os visitantes durante todo o percurso<sup>440</sup>.

As reflexões iniciais ganham agora contornos mais definidos, adquirindo especial destaque a permanente colocação de perguntas ao

---

<sup>440</sup> TODOMUTA STUDIO – The House of European History, p. 13. Tradução livre da autora.

visitante à medida que avança, através do dispositivo móvel, nos conteúdos da exposição permanente. O objetivo será o de atribuir ao visitante um papel central no projeto de musealização da história da Europa, contribuindo de modo ativo para a mobilidade/contaminação de interpretações dos fenómenos ou, por outro lado, o de retirar responsabilidade a determinada conceção do conhecimento e da história europeias patente na narrativa, garantindo, assim, um permanente lugar neutro? A título de exemplo, no piso 2, em referência ao uso da guilhotina em França no período revolucionário, é colocada a pergunta: «Poderá um ato de terror justificar um meio para atingir um fim?». Adiante, no mesmo piso, o visitante é informado sobre o tráfico de escravos e a responsabilidade europeia nessa matéria, caracterizando-o como um aspeto «obscuro da herança europeia» sem, contudo, identificar os principais países que fizeram uso de mão de obra escrava. Entendendo a opção, parece no entanto pouco justificável face à posterior identificação da Grã-Bretanha como «terra mãe das políticas abolicionistas». Já no piso 3, a comparação entre o Estalinismo e o Nacional-socialismo ao longo de todo o piso parece-nos evidenciar mais uma tentativa de posicionamento neutro, caracterizando os dois regimes como sendo «muito diferentes mas semelhantes na sua brutalidade e opressão». No final do piso 4 e início do piso seguinte, a comparação entre ocidente e oriente europeu, opondo os países que aderiram ao Estado Social aos países do bloco comunista põe a nu a defesa de uma determinada conceção da Europa (não comunista), que viria a sair vencedora a partir dos novos movimentos sociais e da participação mais ativa das populações no espaço público. Nos últimos momentos da exposição, o visitante é informado sobre as qualidades da integração europeia, garantindo a sua diversidade e potenciando novas oportunidades e melhoria das condições de vida dos seus cidadãos. E como se a interrogação da informação apreendida fosse gritante, de novo surge a pergunta ao visitante: «O que trará o futuro? A Europa continuará a sua união ou fragmentar-se-á de novo?» No último

pisos e perante questões como «O que é a Europa?», «O que o faz sentir europeu?», «Que relevância têm as nossas memórias?», «Unem-nos ou separam-nos?», é perceptível o objetivo de transpor a reflexão sobre a Europa e a sua apologia para lá das fronteiras do museu. No entanto, tratando-se do último núcleo da exposição, parece ter sido subestimado. O visitante mais desatento pode até confundir o espaço dedicado a esta partilha com uma zona deixada ao público infantil, tal é a simplicidade do desafio e de recursos.

Por fim, um aspeto que não podemos deixar de identificar à margem da análise das Exposições é o do aparente abandono da conceção de um Centro de Documentação e Informação – previsto desde o início, quer nos discursos e debates no próprio Parlamento Europeu, quer nos programas museológicos. Em 2007, em ata de reunião em Estrasburgo, instruía-se os grupos de trabalho a pensar a Casa da História Europeia como um «Centro de Exposição, Documentação e Informação»<sup>441</sup>. Em concordância, o primeiro programa museológico desenvolvia o conceito e inscrevia, no seu 7.º ponto:

A Casa da História Europeia será um moderno centro de exposições, documentação e informação. Apresentará tanto uma exposição permanente sobre a história da Europa, com uma área de exposição de cerca de 4000 m<sup>2</sup>, como uma área destinada a exposições temporárias. Adicionalmente, é proposta a criação de um centro de informação no qual os visitantes podem obter informação mais detalhada sobre a história europeia e sobre as matérias da atualidade.

Sem que se percebesse a alteração estratégica, era ainda possível observar no documento programático de 2013 a criação de um

---

<sup>441</sup> Ata de Reunião da Mesa do Parlamento Europeu, Estrasburgo, 12 de novembro de 2007. PV\697071PT.doc PE 395.593/BUR.

Centro de Exposições, Documentação e Informação, sintetizada na referência à Casa da História Europeia como «(...) meio para exposições, documentação e informação (...)»<sup>442</sup>. Tanto mais estranho nos parece quanto Constanze Itzel, diretora do museu, identifica a Haus der Geschichte, em Bona, como equipamento modelo para a Casa da História Europeia<sup>443</sup> – que tem ele próprio um centro de documentação.

### No fim do percurso...

Este artigo pretende discutir e compreender os fenómenos de construção identitária e de memória coletiva em contexto europeu a partir da análise original do espaço museológico da Casa da História Europeia. Nessa medida, a dimensão original deste texto incide, pensamos, na leitura museológica da Casa da História Europeia – que nenhum dos trabalhos identificados pôde trabalhar por não estar concluída – e da sua complementação com a recolha de dados primários. Procurando envolver a participação do público, cremos que este novo equipamento museológico apresenta uma mensagem direcionada de cima para baixo, baseada numa ideia de progresso, eventualmente desfasada da realidade em que é concebida, numa sociedade europeia díspar, crescentemente dominada pelo medo e incerteza<sup>444</sup>. Assim, poderá o presente trabalho contribuir também, no campo dos estudos de museus, para esse debate, quase inexistente a nível nacional<sup>445</sup>.

---

<sup>442</sup> EUROPEAN PARLIAMENT, p. 7. Tradução livre da autora.

<sup>443</sup> ITZEL, Constanze, *The House of European History – A reservoir of the diversity and complexity of the memories of Europe*.

<sup>444</sup> RIGNEY, Ann.

<sup>445</sup> Exceção feita a um artigo de opinião de Vasco Graça Moura, publicado no *Diário de Notícias* em 6 de maio de 2009.

O projeto financiado pelo Parlamento Europeu Casa da História Europeia sintetiza, em nosso entender, o funcionamento das instituições europeias. Não apenas foi desenvolvido no seu seio e cumprido um sem número de burocracias, como eleva a um equipamento museológico a apologia da integração e de uma identidade europeia, simultaneamente presente e em permanente negociação. Através do conhecimento, do funcionamento e história da União, alicerçado em episódios marcantes, apologéticos, mas também negativos – as grandes narrativas da história de que os curadores do museu se propuseram, sem sucesso, distanciar – a Casa da História Europeia surge como meio para sedimentação da identidade. Se ela é una ou diversa parece ser de somenos importância, desde que agregue e consensualmente represente comunidades distintas, atingindo, portanto, a transnacionalidade.

Procurámos identificar contra narrativas ao discurso político materializado nos processos de Europeização do património ou à narrativa de sucesso, união e prosperidade que incide sobre a transição entre os séculos xx e XXI. A Europeização na Casa da História Europeia, identificada num discurso tendencialmente integracionista e numa narrativa assente na existência de um património comum – imaterial, no lado dos hábitos e tradições, e material, no lugar dos objetos, documentos e das obras de arte – parece estar bem presente. Sobrepondo, portanto, uma narrativa supranacional. Dúvidas persistem, no entanto, nos territórios de pertença e exclusão a delimitar, pois se é certo que encontramos algumas ausências em referências à escravatura e ao colonialismo e descolonização, ou mesmo da igualdade de género e de oportunidades entre centro e periferia, podemos admitir o esforço evidenciado no tratamento dos regimes de cariz autoritário que assolaram a Europa no século xx.



FIGURA 9: Pormenor do núcleo dedicado à oposição entre os regimes nazi e soviético no piso 3, 2017. © União Europeia, 2017. – Fonte: Parlamento Europeu.

Aqui, contudo, parece-nos um elemento a aprofundar o tratamento igualitário dado aos regimes Nazi e Soviético, não estando seguros que essa comparação possa ser feita sob pena de se cometerem erros. Para já fica a ideia de que o novo museu transnacional procura transmitir o conhecimento da história do continente, dos seus Estados, dos seus cidadãos e da União através de episódios que foram partilhados pela maioria dos Estados, embora não tenham sido vividos com semelhante presença e, por oposição, momentos marcantes na vida de Estados periféricos estejam ausentes da narrativa do museu. Neste sentido, estamos neste momento convictos que a política cul-

tural de Europeização de uma memória histórica que tem na Casa da História Europeia um instrumento privilegiado não parece apresentar mecanismos eficazes para fazer face à distância entre os cidadãos, as instituições europeias e o projeto europeu.

### Referências bibliográficas

- ARONSSON, Peter and ELGENIUS, Gabriella – *Building National Museums in Europe, 1750-2010*. Linköping: Linköping University Electronic Press, 2011.
- BENNETT, Tony – The Work of Culture. *Cultural Sociology*. Vol. 1, n.º 1 (2007), s. n.
- CALLIGARO, Oriane – Legitimation through Remembrance? The Changing Regimes of Historicity of European. *Journal of Contemporary European Studies*. Vol. 23, n.º 3 (2015), pp. 330-343.
- CALLIGARO, Oriane – *Negotiating Europe, EU Promotion of Europeanness since the 1950s*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013.
- CASA DA HISTÓRIA EUROPEIA – *Guia de Bolso. Exposição Permanente*. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2017.
- COMMITTEE OF EXPERTS – *House of European History, Conceptual Basis for a House of European History*. Bruxelas: União Europeia, 2008.
- CONNERTON, Paul – *How Societies Remember*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1989.
- EUROPEAN PARLIAMENT – *Building a House of European History*. Luxemburgo: União Europeia, 2013.
- GAAL, Taja Vovk-van and DUPONT, Christine – *The House of European History* [Em linha]. In *Entering the Minefields: the Creation of New History Museums in Europe*, EuNaMus Report 9. Linköping: Linköping University Electronic Press, 2012.
- HILMAR, Till – Narrating Unity at the European Union's New History Museum: A Cultural-Process Approach to the Study of Collective Memory. *European Journal of Sociology*. Vol. 57, n.º 2 (2016), pp. 297-329.
- HUISTRA, Pieter, MOLEMA, Marijn and WIRT, Daniek – Political Values in a European Museum. *Journal of Contemporary European Research*. Vol. 10, n.º 1 (2014), pp. 124-136.
- ITZEL, Constanze – The House of European History – A reservoir of the diversity and complexity of the memories of Europe. *Observing Memories, 1 – The magazine of EUROM*. Barcelona: University of Barcelona's Solidarity Foundation, 2017.
- KAISER, Wolfram – Clash of Cultures: Two Milieus in the European Union's "A New Narrative for Europe". *Journal of Contemporary Studies*. Vol. 23, n.º 3 (2015), pp. 364-377.

- KAISER, Wolfram, KRANKENHAGEN, Stefan and POEHLS, Kerstin – Exhibiting Europe in Museums. *Transnational Networks, Collections and Representations*. Nova Iorque e Oxford: Berghahn, 2014.
- KAISER, Wolfram – From Great Men to Ordinary Citizens? The Biographical Approach to Narrating European Integration in Museums. *Culture Unbound*. Vol. 3, 2011, pp. 385-400.
- KRANKENHAGEN, Stefan – Exhibiting Europe: The Development of European Narratives in Museums, Collections, and Exhibitions. *Culture Unbound*. Vol. 3, 2011, pp. 269-278.
- MACDONALD, Sharon – *Difficult Heritage, Negotiating the Nazi Past in Nuremberg and Beyond*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2009.
- MACDONALD, Sharon – *Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today*. Londres: Routledge, 2013.
- MACDONALD, Sharon – Museums, national, postnational, and transcultural identities. *Museums and Society*. Vol. 1, n.º 1 (2003), pp. 1-16.
- MACDONALD, Sharon – Museum Europe, Negotiating Heritage. *Anthropological Journal of European Cultures*. Vol. 17, n.º 2 (2008), pp. 47-65.
- MORK, Andrea – Constructing the House of European History. *European Commemoration: Locating World War I*. Estugarda: Instituto de Relações Internacionais, 2016, pp. 218-235.
- NORA, Pierre – Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. *Representations*, n.º 26 (1989), pp. 7-24.
- REMES, Anastasia and BEVERNAGE, Berber – *Memory, Identity and the Supranational History Museum: The House of European History. Creating a Place for Reflection and Debate or Constructing a European Master Narrative?*. Ghent: Universidade de Ghent, 2013. Tese de Mestrado.
- RIGNEY, Ann – Transforming Memory and the European Project. *New Literary History*. Vol. 43, n.º 4 (2012), pp. 607-628.
- SETTELE, Veronika – Including Exclusion in European Memory? Politics of Remembrance at the House of European History. *Journal of Contemporary European Studies*. Vol. 23, n.º 3 (2015), pp. 405-416.
- SHORE, Chris – Building Europe. The Cultural Politics of European Integration. Londres: Routledge, 2000.
- SIERP, Aline and WUSTENBERG, Jenny – Linking the Local and the Transnational: Rethinking Memory Politics in Europe. *Journal of Contemporary European Studies*. Vol. 23, n.º 3 (2015), pp. 321-329.
- TODOMUTA STUDIO – The House of European History. Bruxelas: Todomuta Studio, 2017.